

A MULHER ESTÁ NA FITA? COMO SE APRESENTA A PORNOGRAFIA FEMINISTA DE ERIKA LUST

Léa Menezes de Santana *
Lina Maria de Brandão Aras **

RESUMO

O cinema tem funções mais importantes do que apenas entretenimento, também é responsável por divulgação de costumes, conceitos e modos de vida, numa lógica de convencimento mais inteligente que a força bruta: trabalha com convencimento através de diversão. Um campo de investigação muito caro às feministas que analisam o cinema é o que abriga as possibilidades de mudança nos discursos cinematográficos, pois ressignificando as linguagens busca-se modificar também as práticas culturais. Segundo E. Ann Kaplan (1995) há dois níveis de análise que devem ser observados quando buscamos romper com o olhar masculinista na produção cinematográfica: o sociológico, que examina como as relações de gênero são representadas no cinema; e o da semiologia ou dos estudos de construção das linguagens cinematográficas. O que agora se apresenta como objeto de estudos é um campo onde a entrada de mulheres tem sido significativa no que diz respeito à mudanças de conteúdo: a pornografia feminista.

Palavras-chave: mídia; cinema; pornografia

Considerações Preliminares

Em abril de 2009 fui surpreendida com um a matéria da Revista Época: *Pornô feito por mulheres para mulheres*, uma reportagem sobre diretoras de cinema erótico¹ com pornografia feita para mulheres, na maioria também produzida por mulheres, auto intitulada de “pornografia feminista”. Diretoras desta linha apontam que seus filmes são diferentes por buscarem a igualdade da importância do prazer de todos os envolvidos no ato, sejam homens ou mulheres; com diferenciações na estética e roteiros, procurando criar situações em que as mulheres pudessem se perceber

*Doutoranda no Programa de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo - PPGNEIM/UFBA.

** Doutorado em História na Universidade de São Paulo e professora do PPGH e PPGNEIM/UFBA.

¹ Neste trabalho não farei distinção entre erotismo e pornografia, seguindo a linha de diversas(os) autoras(es) e pesquisadoras(es) da área da sexualidade. Tomo como exemplo Maria Filomena Gregori, Maria Elvira Díaz-Benitez, Jorge Leite Junior, dentre outros. Para uma análise mais detalhada, recomendamos a leitura de HUNT (1999).



como protagonistas e não apenas coadjuvantes. Chamou-me a atenção o que pareceu ser uma contradição de termos: como poderia uma produção pornográfica ser considerada feminista? Neste trabalho buscamos compreender como se constrói o fenômeno “pornografia feminista”, mapeando seu campo de produção e a trajetória profissional da diretora Erika Lust, buscando identificar quais seriam as características de uma pornografia feminista. Procura-se compreender as distinções entre produto feito para mulheres e produtos feministas, tendo em vista que os termos ‘feminista’ ou ‘para mulheres’ tem sido apropriados pelo mercado como modismos, nichos comerciais.

Se considerarmos a existência da cruzada antipornografia e todo o debate que vem acontecendo desde a década de 1980, no qual a perspectiva feminista se faz presente – para certas correntes do pensamento feminista a pornografia é tida como um produto do patriarcado e por isso uma forma de exploração do corpo da mulher, objetificado para atender ao desejo masculino – questionamentos sobre esta nova categoria de filmes eróticos surgem: quais os sentidos atribuídos ao adjetivo “feminista” quando associado ao substantivo “pornografia”? Em que consiste esse pornô feminista? Em que ele difere da produção tradicional?

Por outro lado, pensar que exista de fato um pornô feminista poderia implicar em uma desconstrução da pornografia como um produto legitimador do patriarcado. Estaríamos diante da possibilidade de uma releitura de um dos maiores ícones da opressão sexual da mulher, de novas possibilidades narrativas, além de uma possível mudança da representação da sexualidade feminina.

A feminista Susan Bordo (1997) afirma que nosso corpo é um texto da cultura. Tal afirmação nos remete a clássica frase de Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, (“ninguém nasce mulher, torna-se mulher”) uma vez que sinaliza para o fato dos nossos corpos serem também controlados e “adestrados” com um propósito. O gestual, o vestuário, os cuidados e limitações que impomos aos nossos corpos não só são ditados pelo nosso entorno, como também descrevem e afirmam as nossas identidades. Identidades estas que vão se constituindo ao longo da existência dos sujeitos e para o qual o processo de socialização é fundamental. A educadora Guacira Louro (2000, p. 20) ao apresentar o cinema como uma pedagogia cultural –



explicitando como este veicula comportamentos, valores, ideias acerca do ser homem e do ser mulher, sobre sexualidade –, frisa a importância desta arte nos processos de normatização dos indivíduos.

O mesmo ocorre nas demais mídias de massa que, dentro do contexto da globalização da informação, funcionam como agentes principais de disseminação da cultura contemporânea, auxiliando na formação de comportamentos das sociedades. Nesta perspectiva, “com o advento do cinema e da televisão, as normas da feminidade (sic) passaram cada vez mais a ser transmitidas culturalmente através do desfile de imagens visuais padronizadas” (BORDO, 1997:24).

Erika Lust, visual MTV para maiores

Erika Lust nasceu em Estocolmo, Suécia, em 1977, “*num país com forte cultura de liberalismo sexual, numa época em que a pornografia estava atingindo os grandes mercados e as feministas se dividiam nas discussões sobre pornografia*”². Ainda na Suécia, estudou Ciências Políticas, com especialização em Direitos Humanos e Feminismo, pela Universidade de Lund. Seu objetivo era trabalhar para a ONU (Organização das Nações Unidas) ou entrar para a vida acadêmica.

Queria fazer algo para mudar a situação feminina no mundo e, assim, parecia natural que acabasse na academia ou em algum organismo internacional. (...) Por isso, meus filmes pornôs vêm acompanhados de um discurso político, que, para mim, é fundamental. (ANTUNES, 2012)

Erika afirma que sua primeira experiência como consumidora de filmes pornográficos não foi de desagrado, mas também não totalmente prazerosa. Ao mesmo tempo em que as imagens a provocavam, também causavam certo desconforto:

Quando eu comecei a assistir a filmes pornôs, vi um mundo com o qual eu não conseguia me identificar. Sentimentos que eu não sentia, situações que não expressavam a minha sexualidade, nas quais as mulheres eram

² *in a country with a strong culture of sexual liberalism, at a time when pornography was beginning to approach the mainstream and feminists were beginning to divide themselves on the issue of pornography*” (no original). Retirado da seção Bio, site da diretora Erika Lust <<http://www.erikalust.com/bio/>>.



apenas objetos para o prazer dos homens. Eu não via as mulheres buscando o próprio prazer, não as via representadas da maneira que eu gostaria de ver. (BUSCATO, 2009)

Em 2000 mudou-se para Barcelona, onde trabalhou em empresas de publicidade, televisão e mídia. Já havia feito alguns curtas na universidade, mas foi na Espanha que o *hobby* passou a ser profissão, o que não foi exatamente uma decisão pensada, e sim uma consequência. Lust tinha muitos amigos trabalhando com cinema e vídeo e, por intermédio destes, começou também a trabalhar na indústria.

Ao chegar ao cargo de assistente de produção, resolveu se profissionalizar realmente e estudar a parte técnica, em cursos noturnos. Em 2004, tendo a oportunidade de fazer seu primeiro filme, Erika Lust voltou-se para seu primeiro objeto de estudos: o feminismo.

“Uma coisa pela qual sempre tive paixão foi o feminismo e outra sexualidade, então combinei as duas coisas e resolvi fazer um filme explícito. Um filme pornográfico. Mas sob o meu ponto de vista, para mulheres”.³ (MCCLURE, s/d)

Foi então que Erika estreou no pornô feminista com o curta independente *Como ser o no ser uma chica buena*, cujo roteiro brinca com uma fantasia erótica muito frequente no imaginário masculino: uma relação sexual entre o entregador de pizza e a cliente solitária. O filme foi distribuído para download gratuitamente e teve dois milhões de acessos nos primeiros meses. No ano seguinte, foi premiado como o melhor do ano no Festival Internacional de Cinema Erótico de Barcelona (FICEB 2005).

Decidida a trabalhar com pornografia, também em 2004 montou sua própria empresa, a Lust Films, visto que só assim teria a liberdade para trabalhar os roteiros a seu modo. Ela afirma que o livro *Hard Core: Power, Pleasure, and the “Frenzy of the Visible”*, de Linda Williams, lançado em 1989, foi de grande influência durante seus estudos na Universidade de Lundt e continuou sendo uma forte fonte de inspiração

³ “One thing that had always been my passion was feminism, and another was sexuality, so I combined all of these things and decided to make an explicit film. A pornographic film. but from my point of view, for women.”.



para seus trabalhos. Em 2007 foi lançado *Five Hot Stories for Her*, uma compilação de cinco curtas, escritos e dirigidos por Erika Lust, dentre os quais se encontra também o curta de estreia, *Como ser o no ser uma chica buena*. *Five Hot Stories for Her*, especialmente pensado para mulheres e casais, ganhou Melhor Roteiro no Festival de Cinema Erótico de Barcelona em 2007, Melhor Filme para Mulheres no E-Erotic Awards Line (Berlim 2007), obteve uma menção honrosa no Festival CineKink (Nova Iorque 2008) e recebeu o prêmio de Melhor Filme do Ano no Feminist Porn Awards (Toronto, 2008).

Na sequência foram lançados o *Barcelona Sex Project* (2008), um documentário experimental apresentando as vidas, paixões e orgasmos de três homens e três mulheres residentes em Barcelona; *Handcuffs* (2009), uma fantasia sadomasoquista; *Live Love Lust* (2010), três curtas celebrando vida, amor e desejo; *Room 33* (2011), que deu sequência ao encontro iniciado em *Handcuffs*; e *Cabaret Desire* (2011), um longa metragem encenado num bordel poético na Espanha.

Desde a criação da produtora Lust Films, a Erika Lust ganhou diversos prêmios, o que a legitimam como uma das diretoras mais reconhecidas no gênero da pornografia feminista. Na produção de seus filmes, Lust busca participar ativamente da fase de seleção *casting*, por exemplo, quando atenta para a interação entre atores/atrizes, na intenção de sempre haver sintonia nas relações. Por isso também ela busca contratar atores/atrizes que são casais fora das telas, o que facilita a compatibilidade em cena. Nas entrevistas antes das filmagens, Lust procura saber quais são as preferências da equipe na cama e já ajusta câmeras e luzes de acordo com as ideias o que seus atores/atrizes oferecem, para que as atuações sejam as mais naturais possíveis.

Sobre o quanto de sua formação em Ciência Política influencia seu trabalho com a pornografia, Erika Lust afirma que a relação é bastante estreita. Numa postura próxima à de Gayle Rubim e Beatriz Preciado, já discutidas anteriormente, ela entende que hoje o sexo é um assunto muito político, tanto por conta das leis que regem as produções pornográficas quanto pelas intervenções do Estado na vida privada dos indivíduos.



Meu curso certamente me ensinou muito sobre a negociação, o pensamento crítico, e a relação entre governo e sociedade. Mas foi meu foco especial em feminismo que influenciou minha visão de mundo e, mais tarde, a direção que o meu cinema tomaria. (SANCHES, 2012)

A diretora acredita que é preciso questionar também a produção pornográfica como qualquer outra mídia, como o jornalismo ou a publicidade, e que a presença de mulheres neste nicho oferece uma possibilidade de explicar a sexualidade feminina de forma gráfica e explícita. Ela afirma que muito do mito e das concepções equivocadas sobre a sexualidade feminina podem ser reflexo do que as pessoas aprendem com os filmes *mainstream*, graças à ausência ou escassez de influências femininas na produção pornográfica. Erika Lust vê a pornografia também como uma forma de educação sexual, visto que os jovens buscam nos filmes as explicações que não encontram nas escolas, ou em outras mídias.

Nós ensinamos a eles as questões básicas, que se transarem podem engravidar, que podem pegar DSTs, mas não os ensinamos COMO fazer sexo. (...) Eles tem estas concepções bizarras sobre como sexo funciona. Ao invés de descobrirem por si próprios, eles reproduzem o que vêem na pornografia. (MCCLURE)⁴

A ideia de Lust não é, no entanto, censurar a pornografia feita por homens ou fazer um movimento contrário, mas mostrar que pode haver outro ponto de vista. Em *Five Hot Stories for Her* esta perspectiva é não apenas mostrada nos cinco curtas como, já no título, a autora se dirige às mulheres que querem experimentar as obras pornográficas e que, sobretudo, busca neste tipo de filmes, o reconhecimento que não encontram nos filmes tradicionais: corpos naturais e atraentes, situações cotidianas e banais, mulheres sentindo prazer no sexo.

Uma forte característica dos filmes de Erika Lust são os cuidados com a narrativa e a estética. Toda sua produção é pensada para ter sentido, fazer com que as situações na tela tenham encadeamento lógico e uma história que suporte as situações apresentadas. Seu objetivo é que as pessoas, ao assistirem seus filmes, saibam porquê aquelas pessoas estão fazendo sexo, o que as move para aquele

⁴ “We teach them the basic things like if you have sex you can get pregnant, you can get STDs, but we don't teach them HOW to have sex. (...) They get this gross misconception of how sex works. Instead of finding out about themselves, they just reproduce what they're finding in pornography.” (No original.)



cenário. Para ela, é importante também que as imagens agradem ao olhar das/dos espectadores, que os filmes sejam, além de excitantes, visualmente agradáveis.

É importante que a pornografia para mulheres seja produzida e dirigida por mulheres. Nós somos criaturas holísticas – nos excitamos com detalhes, situações, fantasias, pistas, cenários. A seleção de atores, a decoração, as roupas, a lingerie, a música, o script, a fotografia – são partes igualmente importantes nos meus filmes.(ERIKA LUST)⁵

Além da produção em vídeo, Erika Lust também escreveu cinco livros: *Good Porn* (2009), *Erotic Bible to Europe* (2010), *Love me like you hate me* (2010) *Por qué las suecas son un mito erótico* (2013) e *La Canción de Nora*. Nas três primeiras publicações ela trata de tabus e práticas sexuais consideradas inferiores, sob diferentes perspectivas teóricas, mostrando o quanto existe de mito e o quanto a sexualidade feminina é construída em pressupostos patriarcais. *Por qué las suecas son un mito erótico* trata da lendária sexualidade das mulheres suecas, tidas como pessoas livres, independentes, fortes e irresistivelmente sensuais, graças a uma forte cultura de educação sexual liberal, em contraste com um mundo ainda mergulhado em valores sexuais conservadores. Já *La Canción de Nora* é uma ficção erótica que trata sobre desejos e instintos sexuais, tendo como personagem central uma jovem espanhola, Nora.

Erika é contrária à visão maniqueísta de que as mulheres devem se ver como vítimas e colocar os homens na categoria de escravizadores ferrenhos. Sua perspectiva é de que se deve questionar politicamente a pornografia assim como se deve questionar politicamente a publicidade, o jornalismo e as demais mídias que trabalham como consolidadoras de representações e valores sexuais. Erika também é contrária à visão maniqueísta de que as mulheres devem se ver como vítimas e colocar os homens na categoria de escravizadores ferrenhos. Segundo Erika Lust “quando o pornô recebe um espaço de discussão nas mídias, mais do que nunca é preciso debater criticamente os valores veiculados. Não podemos pensá-lo como

⁵ “It’s important that porn for women is female produced and directed. We’re holistic creatures – we’re aroused by details, situations, fantasies, hints, scenarios. The casting, the decoration, the clothes, the underwear, the music, the script, the photography – are equally important parts of my films” (No original).



algo que não importa, porque sim importa, é um discurso cultural e político que fala sobre sexualidade, que fala sobre masculino e feminino. Busco mostrar outras estéticas, outros valores, a intimidade das relações”⁶.

Filmografia: The Good Girl (2004); Five Hot Stories For Her (2007); Barcelona Sex Project (2008); Handcuffs (2009); Love me like you hate me (2010); Life Love Lust (2010); e, Cabaret Desire (2011)

Livros publicados: A Woman’s Guide to Good Porn (2009); Erotic Bible to Europe (2010); Love me like you hate me (2010); Por Que Las Suecas Son Un Mito Erótico (2011); La Canción de Nora (2013).

Considerações ao final

Ao iniciar este estudo, meu objetivo primeiro era o de entender o que havia de diferencial na pornografia feminista, o que este adjetivo “feminista” agrega à produção de filmes sexualmente explícitos. Para minha surpresa descobri um universo de possibilidades de estudos antes mesmo de pensar nos possíveis resultados para minha investigação. Encontrei não apenas um gênero de filmes, mas todo um movimento cultural, uma formação de comunidades de produtores de cinema, espectadores, apreciadores de produtos e discursos sobre sexualidade. Percebi que teria que ler não apenas conteúdos dos filmes, mas, muito antes, verificar o ambiente em que estes foram pensados. Precisei fechar melhor meu foco e me concentrar nas pessoas por trás das câmeras, as mulheres que coordenam as produções.

Para compreensão deste universo, foi importante observar também o ambiente em que tais produtos são fabricados, lançar um olhar para o lado prático desta equação, estudar as convenções de erotismos e sexualidades no marco do mercado e não apenas em relação aos maquinários de produção de saberes.

⁶ Entrevista dada ao site Dudas Sobre Sexo no dia 25 de outubro. Disponível em < <http://dudasdesexo.es/informacion/porno-para-mujeres/#more-4592>>

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



protagonistas dos nossos destinos, especialmente quando o fazemos a partir de uma postura ideológica e política.

Pelo exposto, acreditamos que, ainda de forma iniciante, a pornografia feminista tem servido como mais um instrumento para o crescimento de um pensamento crítico sobre a nossa sexualidade e, conseqüentemente, para o alcance da tão almejada emancipação feminina.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. "Vozes, olhares e o gênero do cinema". In: FUNCK, Susana Bornéo. WIDHOLZER, Nara. (org.). Gênero em discursos da mídia. Florianópolis: Ed. Mulheres. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

ANTUNES, Patu. "Diretora faz filmes de sexo em que mulheres são protagonistas e público-alvo". Folha de São Paulo, online. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/serafina/1142344-diretora-faz-filmes-de-sexo-em-que-mulheres-sao-protagonistas-e-publico-alvo.shtml>>. 2012. Acesso no dia 02 dez, 2012.

BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alisson M; BORDO, Susan R. (org). Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos tempos, 1997.

BUSCATO, Marcela. Candida Royalle: "Quero que os homens vejam". Revista Época, online. Abril de 2009. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI67802-15220,00-CANDIDA+ROYALLE+QUERO+QUE+OS+HOMENS+ASSISTAM.html>>. Acesso em 15 ago, 2010.

_____. Pornô feito por mulheres para mulheres. Revista Época. Edição 569, p. 99-104, abril, 2009. Disponível em

